## XXI. Die deutsche Wurzel A raiz alemã

Neste capítulo Klemperer faz um questionamento profundo das raízes do nacional-socialismo e de seu envolvimento pessoal com os *traits éternels*, ou *ewige Züge* (traços eternos) do caráter de um povo, e trava um debate com sua própria consciência, pois até então defendera a idéia de que o povo alemão possuía *traits éternels*. Seriam as raízes do nacional-socialismo provenientes das mesmas origens que os *traits éternels* alemães? Klemperer se pergunta se era correto os nazistas atribuírem a Herder o papel de humanista, que na verdade foi tolhido na época, na fartura em que poderia ter sido útil para o nazismo, impedido pelo ideal humanitário dos meados do Século XIX? Será que o povo alemão da época de Goethe seria o mesmo que o atual, seguidor de Hitler?

<u>...die furchtbare Veränderung, die mit Deutschland vor sich vergangen war, ließ alle</u> früheren Äußerungen deutschen Wesens in einem veränderten Licht erscheinen<sup>1</sup>.

Fica especialmente chocado ao se deparar com a habilidade com que os nazistas comercializavam seu "produto" procurando elevar o povo alemão, por "vontade divina e de direito" a *Herrenmenschen* (super-homens) em detrimento dos demais povos. Mas seu questionamento maior é sobre a existência ou não desses *traits éternels*. Eugen Lerch², relembra-o de que a expressão "*Dauerfranzos*" (francês duradouro) fora criada por ele próprio. Em comparação ao "*Dauerfranzos*" Klemperer evoca "*Germania*", obra máxima de Tácito³, historiador e senador romano, em destaque na época do nazismo, que estivera na Germânia no Século I da nossa era e fizera uma imagem muito boa, no sentido nazista do povo germano. A base da obra é calcada em preconceito antijudaico⁴. Anteriormente, no ano 9 da nossa era o general Armínio, príncipe da etnia

<sup>&</sup>lt;sup>1</sup> A terrível mudança pela qual a Alemanha passou, lançou uma luz diferente sobre as antigas manifestações pelas quais a Alemanha tinha passado.

<sup>&</sup>lt;sup>2</sup> LERCH, Eugen. Colega de Klemperer na Universidade Técnica de Dresden.

<sup>&</sup>lt;sup>3</sup> TACITUS, Cornelius, historiador romano (ca. 55 - 120 a D.). Escreveu "Concerning the geography, the manners and customs, and the tribes of Germany" ou simplesmente "Germany" publicado no ano de 99 a D. in Encyclopaedia Britannica, 1961, pág. 736, vol. 21. Fragmentos do vol. V do livro Historiae, concluído em 116 a D., fazem uma observação preconceituosa e incorreta sobre os judeus, segundo a Encyclopaedia: "we have a curious but entirely inaccurate account of the jewish nation, of their character, customs and religion, from a cultivated Roman's point of view which we see at once, was a strongly prejudiced one".

<sup>&</sup>lt;sup>4</sup> De acordo com a *Encyclopaedia Britannica*, 1961.

germânica dos queruscos, venceu os romanos na Floresta de Teutenburg. Torna-se fácil, portanto, traçar uma linha direta a partir de Armínio, primeiro herói nacional da Alemanha até o hitlerismo e suas *SA*, *SS* e *HJ* passando por Lutero e Frederico, o Grande. De forma convidativa Klemperer apresenta a História da Literatura Alemã de Wilhelm Scherer, justamente um dos poucos livros científicos que pudera levar consigo para o *Judenhaus*, mencionando que agora, naquela altura, conseguia apreciar melhor a clareza de idéias desse autor, cuja obra conhecia desde seus tempos de estudante. Por meio dessas ilações históricas Klemperer se vê compelido a procurar a opinião de Scherer sobre a já citada "*Germania*", onde fica patente a oscilação entre os extremos culturais do povo alemão.

"Masslosigkeit scheint der Fluch unserer geistigen Entwicklung<sup>5</sup>"

diz Scherer, citando Tácito:

"... Wir gleichen jenem Germanen, der im Würfelspiel all sein Besitztum verloren hat und auf den letzten Wurf seine eigene Freiheit setz und auch die verliert und sich willig als Sklave verkaufen läßt. So groß ist selbst in schlechter Sache die germanische Hartnäckigkeit; sie selbst nennen es Treue<sup>6</sup>".

A opinião de Scherer aliviou Klemperer no que tangia estar de bem com sua consciência a respeito do que ele supunha serem os *traits éternels*<sup>7</sup>. Cinco anos depois, as marcas da bestialidade nazista ali expostas e a tragédia imposta como um fato consumado, tocam Klemperer com um pequeno fato isolado na obra "*Stalingrad*" do autor Plivier, que o reconduz a Scherer, que menciona Tácito, fazendo novamente vir à tona a questão da teimosia germânica. Foi a primeira vez que ele se dá conta que o mesmo fio condutor ligava entre si o melhor e o pior do povo alemão:

<u>Dass es einen Zusammenhang gebe zwischen den Bestialitäten der Hitlerei und den faustischen Ausschweifungen deutscher klassischer Dichtung und deutscher idealistischer Philosophie<sup>8</sup>.</u>

Para Plivier, segundo Klemperer, a degeneração presente naquela época seria fruto do mesmo descuido em transpor quaisquer limites, expressão do refinamento sem sentido

<sup>&</sup>lt;sup>5</sup> Exageros, excessos, teimosia parecem ser a maldição de nosso desenvolvimento mental. 'LTI', p.166.

<sup>&</sup>lt;sup>6</sup> "Parecemos os germanos que após perderem todos seus bens no jogo de dados, colocavam sua liberdade em jogo, a ponto de, mesmo se necessário, tornarem-se escravos. Para os próprios germanos sua teimosia não passava de um gesto de fidelidade".

<sup>&</sup>lt;sup>7</sup> Esta mesma observação sobre a teimosia alemã é feita por Leon Poliakov em "De Cristo aos Judeus da Corte", Ed. Perspectiva, 1979, p. 181.

<sup>&</sup>lt;sup>8</sup> Que houvesse alguma ligação entre a ferocidade do regime hitlerista e os excessos fáusticos encontrados na poesia clássica alemã e na idealização da filosofia alemã.

da "Entgrenzung" (extrapolação de limites), caracterísitca principal da teimosia germânica, que existia séculos antes da palavra romantismo ser criada, mas que introduzia o pensamento do romantismo. Este seria justamente a mola mestra da "Entgrenzung". Cabe lembrar que Klemperer, estudioso do período francês de Voltaire, via no Romantismo o movimento que se opunha à razão. Voltando às suas idéias Klemperer introduz um relato de Plivier<sup>9</sup> junto à observação de Scherer sobre o exército do Terceiro Reich e os germanos citados por Tácito e chega ao ponto que o perseguia, que seria o verdadeiro traço criminoso da LTI:

## <u>Untermenschentum ist wahrhaftig am Platze, und der früheren Geistigkeit Deutschlands</u> verzweifelt gequält. <sup>10</sup>

Klemperer conclui que o grau de virulência do nazismo é absolutamente mais intenso do que a sífilis que dominara a França séculos antes, e do que o fascismo atuante na Itália. Enquanto os italianos se consideravam destinados a reconstituir o antigo império romano, nunca pensaram em rebaixar os povos reconquistados a "zoologia inferior", o que viriam a aprender depois, justamente com seu afilhado, o nazismo. Na evolução dos sentimentos, Klemperer se questiona se não estaria atribuindo ao nazismo papel mais importante do que o merecido, já que o nazismo o remetia forçosamente a seu judaísmo, causando-lhe esta distorção. Em sua digressão conclui que desde que lera o "Mito do Século XX" de Alfred Rosenberg e as "Grundlagen" (Bases) de Chamberlain<sup>11</sup>, e que tomara conhecimento das câmaras de gás de Auschwitz, não restava qualquer dúvida: o nazismo desempenhava papel central e decisivo no anti-semitismo<sup>12</sup>. Seria o dogma racial o ponto de partida do anti-semitismo, ou somente seu preâmbulo? Tratando-se de veneno infiltrado na mentalidade alemã, o nacional-socialismo, segundo Klemperer era a degeneração do próprio ser alemão, com traits éternels macabros, não se tratando de nenhuma peste transmitida por outro país. Afinal, o anti-semitismo é o sentimento fundamental do rancor do pequeno burguês austríaco Hitler, de mente degenerada, que

<sup>&</sup>lt;sup>9</sup> "Kalatsch am Don, 3 200 km bis Leipzig". Comentário de Plivier: "Ein sonderbarer Triumph, und wenn der wahren Entfernung an tausend Kilometer zugelegt waren, so war es ein nur um so echter Ausdruck für das sinnlose Schweifen ins Maßlose". (Kalatsch junto ao Don, a 3200 km de Leipzig. "Triunfo espetacular, mesmo que se lhe acrescentassem mil km. provava com maior pureza ainda o desvario sem sentido da falta de limites).

<sup>&</sup>lt;sup>10</sup> O subumanismo está em seu lugar, junto ao antigo pensamento alemão, desesperadamente torturado. <sup>11</sup>CHAMBERLAIN, Houston Steward. Inglês, genro de Wagner, que adotou a língua e a paixão alemãs. Escreveu Die Grundlagen des neunzehnten Jahrhunderts" (Fundamentos do século XIX), 1900.

<sup>&</sup>lt;sup>12</sup> O termo anti-semitismo foi criado em 1873 pelo jornalista alemão Wilhelm Marr em *Der Sieg des* Judentums über das Germanentums (A vitória do judaísmo sobre a germanidade), in O Anti-Semitismo Alemão, p.61

se formara na época de Schönerer e Luëger<sup>13</sup>, principais ideólogos do anti-semitismo. Anti-judaísmo sempre existiu, com maior ou menor intensidade, por motivos sócio-econômicos e religiosos. Seria injusto considerá-lo sentimento exclusivo dos alemães. As características do anti-semitismo alemão foram: retorno inimaginável da perseguição aos judeus nos moldes da Idade Média, câmaras de gás de Auschwitz, atuando com extremo rigor tecnológico e valorização do conceito de sangue judeu e não—judeu para perpetuar o afastamento judaico da sociedade, sendo que o nazismo considerava essa diferenciação importante, como que respeitando um desejo divino.

Essas colocações reconduziram Klemperer ao pensamento original de Tácito sobre a obstinação germânica:

"Hartnäckigkeit selbst in schlechter Sache" (teimosia até mesmo para o que há de pior).

O sentimento anti-semita é obstinado e não se vê a si mesmo como anacrônico, mas adaptou-se à modernidade. O horror faz parte integrante da obstinação sem limites.

Klemperer cita o romance "Der Neue Daniel" de Willy Seidel de 1920, que fazia uma comparação entre povos, em que o autor descreve de maneira macabra o significado da palavra "Gründlichkeit<sup>14</sup>". Klemperer supõe que Seidel mantivesse fidelidade às características dos personagens do romance, tal qual encontrou em Rolland, por exemplo, cujos relatos retratam duas Alemanhas e duas Franças. Aqui, entretanto, o gesto sanguinolento (matança de gatinhos) do Tenente Zuckschwerdt vai sendo cada vez mais valorizado, contrariamente aos "EUA, que aceitam a mistura colorida do <u>Irish-Dutch-Nigger-Jew</u>", enquanto na Alemanha perdura o sentimento de pureza racial:

<u>"Diese durch Inzucht halb verkommene oder mit indianischem oder jüdischem Blut bunt durchsetzte Bevölkerung</u>15...

LUËGER, Karl. 1844-1910. Líder do Partido Social-Cristão da Áustria, anti-semita. Prefeito de Viena de 1897 a 1910. SCHÖNERER, Georg Ritter von, austríaco. Político, 1842-1921. Suas idéias racistas e anti-semitas do Linzer Programm (1881) exerceram forte pressão sobre o Partido Social-Cristão de Luëger e sobre o movimento nacional-socialista de Hitler. (O Anti-Semitismo Alemão, p.63)
14 O Tenente Zuckschwerdt fora incumbido de afogar alguns gatinhos recém-nascidos, enfiados em um

saco. Mas ele se apercebe que ainda há um ligeiro movimento no saco. Apedreja-o para torná-lo um "roten Muss" (mingau vermelho) e comenta em voz alta para um rapazinho que assiste a tudo: "Du Luder – sollst mal sehen, was Gründlichkeit bedeutet!" (tens de entender, meu rapaz, o que eu chamo de perfeição).

<sup>15</sup> Essa população miscigenada, colorida com sangue indígena e judaico, meio depravada.

É fácil compreender o questionamento de Klemperer sobre a doutrina racial daquela época (1920). Não seria ela já um pretexto para o sentimento anti-semítico básico? Pois, mesmo o autor se empenhando em ser politicamente apartidário, escreve o seguinte:

"Während der Kampf nach Verdun und der Somme unentschieden auf der gleichen Stelle hin und her wogt, 'hüpft der Unparteiische mit dem Spitzbart und den blanken Semitenaugen um das kämpfende Paar herum und zählt; das war der Journalismus der Welt'16".

Consta que nessa época os anti-semitas faziam muito alarde a respeito do número excessivo de jornalistas judeus que havia então. O nacional-socialismo, contrariamente às outras formas de fascismo, extraiu todo o seu veneno do racismo, cuja base foi o anti-semitismo. Mesmo quando se tratava de povos não semitas, o nacional-socialismo explorava formas de destilar seu veneno por meio de expressões como bolchevismo judaico, franceses negros judaizados, ingleses em busca da tribo judaica perdida, etc.

A idéia racial, que veio beber da fonte da obsessiva teimosia alemã, talvez não fosse idéia exclusiva alemã. Traçando uma retrospectiva, Klemperer verifica que o pensamento de Rosenberg partira do inglês Houston Stewart Chamberlain, que o absorvera do Conde Arthur Gobineau (1816-1882), que por sua vez lançara entre 1853-1855 seu "Essai sur l'inegalité des races humaines" (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas) em quatro volumes. Klemperer prefere manter em aberto se ele teria sido o autor exclusivo dessa doutrina racial sanguinária. Seu ensinamento principal era a supremacia da raça ariana, categoria humana mais elevada e única do germanismo sem miscigenação. Este germanismo entretanto, encontrava-se ameaçado pelo sangue semita, infiltrado por toda parte ungleich schlechter (incomparavelmente pior), a ponto de não poder mais ser chamado de humano. Tudo que o Terceiro Reich necessita para sua base político-filosófica encontra-se nessa frase de Gobineau. Tudo o que o prénazismo usa retorna às idéias de Gobineau. Klemperer aproveita para fazer uma digressão sobre seu contato anterior com os textos de Gobineau como cientista natural. A utilidade desses estudos servira somente para fins egoísticos: provar a desigualdade entre os povos e a superioridade racial germânica. A originalidade de sua proposta não

<sup>&</sup>lt;sup>16</sup> Enquanto o resultado do combate após Verdun e Somme permanecia inalterado, aquele barbudo sem partido de olhos semitas brancos ficava pulando em torno do par combatente e contando; esse era o jornalismo que havia no mundo.

reside na estrutura racial em si, mas sim na ameaça que os alemães sofrem, segundo ele, pela infiltração do sangue semita. Gobineau, mais conhecido na França como literato, destaca-se na Alemanha como cientista natural. Está seguro de ser descendente direto, sem 'miscigenação sangüínea', da nobreza ancestral franca. Sente-se enganado em seu direito de nobreza herdada do conquistador franco, como nobre feudal, superior ao povo romano-gálico, sem ser vassalo do rei franco, já que pelo direito francês o rei teria o papel de "primo entre pares" e possuiria direito igual ao da nobreza.. Acredita em seu poder de ostentação pelo dinheiro e por seu status de burguês. A França levava adiante uma disputa antiga a respeito das teorias políticas. Os juristas da corte, por seu lado, confirmam o absolutismo do rei como sucessor dos césares romanos e que o povo por ele governado seria o único sucessor do antigo povo romano. Após sua Revolução, a França retorna à antiga forma de governo romana, qual seja a República, desempoeirando o ranço opressor dos antigos imperadores. E Klemperer comenta com charme, que não tinha sobrado lugar para senhores feudais da estirpe dos francos. O veio poético de Gobineau circunscrevia-se ao romantismo francês, tendendo à Idade Média em contraposição à objetividade burguesa reinante. Para Gobineau, sentir-se nobre, sendo germano ou franco, dá na mesma. Começa cedo seus estudos de alemão, bem como a respeito do Oriente. O romantismo alemão está vinculado literária e lingüisticamente a um período indiano anterior ao germanismo, a uma entidade ariana de povos europeus. Klemperer encontra no "seu" Scherer uma menção à obra "Sprache und Weisheit der Inder<sup>17</sup>" de Friedrich Schlegel de 1808 e

## <u>"Über das Konjugationssystem der Sanskritsprache in Vergleichung mit jenem der</u> griechischen, lateinischen, persischen und germanischen Sprache<sup>18</sup>".

A raiz do ser ariano estaria na filologia e não na ciência natural. A sedução do romantism alemão foi mais decisiva sobre Gobineau do que a ciência natural. Gobineau, como poeta apaixonado pelo germanismo, faz da ciência natural um caminho para comprovar sua teoria de valorizar o germanismo. Chega a esse sentimento por meio de questões de foro íntimo, ao passo que os românticos aderem coletivamente à valorização do germanismo, por oposição à pressão para aliarem-se a Napoleão, dominador externo. Perde-se o sentimento de pertencer ao mesmo grupo de pessoas; no

<sup>&</sup>lt;sup>17</sup> Linguagem e sabedoria dos indianos.

<sup>&</sup>lt;sup>18</sup> A respeito do sistema de conjugação do sânscrito comparado ao grego, ao latim, ao persa e às línguas germânicas.

próprio povo tudo que tem valor verdadeiro de humanidade é mantido. Mas os alemães dizem a seus opositores "juiz do mundo, matai-os / mas não perguntem por quê? <sup>19</sup> ". Os poetas alemães das guerras de libertação consideram o francês como o inimigo a ser morto. 'Não falta assunto para falar mal dele. É possível considerar seu latim uma redução do verdadeiro germanismo, mas é inadmissível considerá-lo como de outra raça'. É justamente o momento em que o romantismo alemão parte de seu momento de maior abertura para sua maior estreiteza, estreiteza essa como mera desculpa contra tudo que lhe é externo, como glorificação a tudo que é alemão, entretanto sem qualquer sentimento de superioridade racial. Ficou até mesmo comprovado que o *Turnvater* Jahn<sup>20</sup> e Ernst Moritz Arndt permitiram que os judeus alemães se apresentassem como tal, sem serem recusados, em nome do patriotismo dos grêmios estudantis.

Já bem perto da queda do Terceiro Reich Hermann Blome foi incumbido de encontrar algum autor alemão, que tivesse antecedido Gobineau e de maneira insensata e tola organiza a obra

## "Der Rassengedanke in der deutschen Romantik und seine Grundlagen im 18. Jahrhundert<sup>21</sup>".

Consegue provar o contrário do que pretende. Parte da premissa errada. Quer tornar cúmplices de Gobineau todos os pesquisadores da questão racial anteriores a ele, incluindo até mesmo Kant, como filósofo, que se baseava na História Natural. Considerou os românticos e também Buffon como cientistas naturais. Entretanto o original em Gobineau não foi sua teoria de dividir a humanidade em raças, mas de ter criado entre os brancos o conceito da superioridade racial germânica, infestada, entretanto pelo sangue semita. Já tinham surgido pesquisadores que teriam concebido a idéia da superioridade racial branca. O livro começa com um lamento, porque durante parte do Século XVIII e todo o Século XIX não se desenvolveu qualquer teoria racial na concepção nazista, porque ela estava bloqueada pelo ideal humanista. Klemperer cita a "triste" 116ª carta de Herder "zur Beförderung der Humanität<sup>22</sup>" com seus "Grundsätze

-

<sup>&</sup>lt;sup>19</sup> 'LTI' p. 178. O autor não menciona a fonte destes versos.

<sup>&</sup>lt;sup>20</sup> Educador alemão na primeira metade do Século XIX, , famoso professor de esportes, fonte de inspiração para o nazismo.

<sup>&</sup>lt;sup>21</sup> As bases da questão racial no romantismo alemão no Século XVIII.

<sup>&</sup>lt;sup>22</sup> Para promover a humanidade.

*zu einer Naturgeschichte der Menschheit*<sup>23</sup>", cuja História da Literatura poderia tê-lo tornado um autêntico Pg (*Parteigenosse*)<sup>24</sup>, não tivesse ele ter-se permitido ter uma visão idealista multifacetada *verfärbt* (tingida), que valorizava a humanidade como uma unidade. Era-se apartidário, sem qualquer favoritismo por este ou aquele povo, como o próprio gênio da humanidade. Segundo Alexander von Humboldt

<u>"Überwiegen naturwissenschaftlicher Interessen festzustellen wenn doch in Dingen der Rasse eine zeitbedingte idealistische Menschheitsauffassung ihn schließlich daran hinderte, rassische Folgerungen zu erstreben und zu ziehen?<sup>25</sup>"</u>

Falhou, portanto a tentativa de provar que houvera pensadores alemães racistas anteriores a Gobineau, muito menos sanguinários. Entretanto Blome ficou muito feliz quando, trinta anos depois dos escritos de Schlegel, encontra um texto de Arndt de 1848, anterior a Gobineau, absolutamente antijudaico, convocando os alemães contra esses judeus e seus correligionários, batizados e não-batizados, que queriam destruir o amor à pátria e o temor a Deus com seu venenoso judaísmo humanitário. Não se tratava mais do inimigo externo, mas inimigos internos contra a pureza da alemanidade. Aqui fica por conta da interpretação quanto se quer ver de antijudaísmo racial nessa fala antijudaica<sup>26</sup>. Não há dúvidas de que a partir de então o ideal humanitário ficou mais abandonado. Klemperer comenta que se trata do mesmo caso que a 'LTI', semelhante ao que se lê em Rosenberg, e também em Hitler e Goebbels. A palavra humanismo sempre portando aspas irônicas, junto com adjetivos desdenhosos.

Arnold Bauer publica em 1946, citando Arndt que as *überbetont deutsch-romantischen Burschenschaften*<sup>27</sup> não excluíam os judeus de suas fileiras, desde que batizados. Como já dito o *Turnvater* Jahn admitia-os também sem batismo. Ainda Bauer: - "*Doktoranden* ou *Habilitanden* nazistas estariam sendo herdeiros do espírito tolerante de um Lessing e do universalismo de um Kant! Klemperer explica que durante os anos terríveis convenceu-se de que as raízes da teoria da superioridade racial alemã, passaporte para os crimes hediondos contra a humanidade, teriam sua origem no romantismo alemão, sendo Gobineau seu sequaz e não se conseguindo definir em que grau seria aluno do romantismo alemão. Razão pela qual Klemperer tem certeza de que este capítulo tem de

<sup>25</sup> Em questões raciais prevalecia um conceito idealista que impedia tirar-se conclusões.

<sup>&</sup>lt;sup>23</sup> Fundamentos para uma História Natural da humanidade.

<sup>&</sup>lt;sup>24</sup> Membro do partido (nazista).

<sup>&</sup>lt;sup>26</sup> Klemperer usa o termo anti-semitismo, que entretanto foi criado somente em 1873, cf. Nota 11.

ser inserido em sua LTI. Klemperer sente em si o elo entre o romantismo alemão e o nazismo, independente da existência de Gobineau. Tudo o que o nazismo precisou, encontrou no germe do romantismo: domínio da razão, adoração do sentimento de poder, da ave de rapina, da besta loira. Ao mesmo tempo Klemperer lamenta ter de atacar o romantismo alemão, ao qual a arte e a literatura alemãs deviam tantos valores humanos.

<sup>27</sup> Que os grêmios estudantis eram fortemente românticos alemães.